

**ORAÇÕES COMPLEXAS, UM POTENCIAL DE SIGNIFICADO PARA  
A CONCRETIZAÇÃO DE VOZES DISCURSIVAS EM EDITORIAIS:  
UMA ABORDAGEM SISTÊMICO-FUNCIONAL**

**CLAUSE COMPLEX: MEANING POTENTIAL TO DISCURSIVE  
VOICES INSTANTIATION IN EDITORIAL GENRE:  
A SYSTEMIC-FUNCTIONAL APPROACH**

**DOI 10.20873/uft2179-3948.2022v13n1p184-207**

**Hércules Santos da Silva<sup>1</sup>**

**Resumo:** O presente artigo, fundamentado na Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) de Halliday (1994), Halliday e Matthiessen (2014), aborda as formas mais ou menos evidentes de que a língua dispõe para veicular vozes discursivas, em textos de opinião, por meio de escolhas léxico-gramaticais, e representa uma síntese de minha dissertação, de titulação homônima (SILVA, 2022)<sup>2</sup>. O objetivo é investigar o complexo oracional responsável pela veiculação de vozes em editoriais de jornal. Para tanto, a análise, feita manualmente, concentra-se no Sistema de Complexos Oraçionais. Os resultados revelaram que a maior incidência para o gênero textual argumentativo está no recurso das projeções de locução ou ideia; entretanto, o recurso de expansão ou de encaixamento de orações também possibilita a inserção de vozes externas ao texto.

**Palavras-chave:** LSF; Complexo oracional; Relações lógico-semânticas; Gênero editorial.

**Abstract:** This article aims at discussing the more or less evident ways that language has to insert external voices, in texts of opinion, through lexical-grammatical choices and semantic-discursive. The study focuses on the Systemic-Functional Linguistics (SFL) of Halliday (1994), Halliday and Matthiessen (2014) and it represents a synthesis of my dissertation, with the same title (SILVA, 2022)<sup>3</sup>. It also aims to investigate the clause complex responsible for external voices instantiation in newspaper editorials. Therefore, the analysis was carried out manually and it centers on the Clause Complex System. The results revealed the resource of locution or idea projections as great incidence for the argumentative textual genre, however, the resource of expansion or embedding of clauses also allows the insertion of external voices to the text.

**Keywords:** SFL; Clause Complex; Logical-Semantic relations; Editorial genre.

<sup>1</sup> Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro; Especialista em Língua Portuguesa pelo Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro; Licenciado em Letras pelo Centro Universitário Celso Lisboa, Rio de Janeiro. Docente na Rede estadual do ensino do Rio de Janeiro. Integrante dos Grupos de Pesquisas GESD – Grupo de Estudos em Sistêmica e Discurso – UERJ, e do ASFAD — Análise Sistêmico-Funcional e Avaliação do Discurso – PUC-RJ. E-mail: [herculesilva394@gmail.com](mailto:herculesilva394@gmail.com) / Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4112-7425>

<sup>2</sup> Em agradecimento à orientadora, Profa. Dra. Magda Bahia Schlee (UERJ).

<sup>3</sup> In gratitude to the Prof. Dr. Magda Bahia Schlee's supervisor (UERJ).

## **Introdução**

Segundo Bakhtin (1997), toda interação verbal é dialógica (polifônica) e as vozes discursivas encontradas nos textos, explícitas ou implícitas, podem ser realizadas por meio de grupos em orações ou de orações em complexos oracionais na fala e na escrita. Interessam-nos nesta pesquisa as vozes explícitas encontradas em certos gêneros textuais como os opinativos, em especial, o editorial.

Nos editoriais, o autor vale-se da polifonia para apresentar, explícita ou implicitamente, pontos de vista diferentes ou para persuadir seus leitores. Na Gramática Tradicional (GT), as vozes discursivas se manifestam por meio do discurso direto e discurso indireto entre outras combinações de orações possíveis.

Os recursos da gramática tradicional não são suficientes para nos aprofundarmos no estudo das demais vozes discursivas em textos opinativos, como os editoriais. Precisamos, pois, de uma teoria que ultrapasse a dicotomia “coordenação x subordinação” proposta pelas GTs e que possibilite que vejamos, em determinadas estruturas, potenciais de significado que possam concretizar relações lógico-semânticas diversas.

A Linguística Sistêmico-Funcional — LSF — permite-nos entender a funcionalidade das estruturas linguísticas e a motivação dos usuários ao empregá-las, já que a língua, nessa perspectiva, é funcional e a sua função é produzir significados por meio de escolhas influenciadas por contextos sociais e culturais nos quais os significados são trocados (EGGINS, 2004, p.3). Analisar editoriais sob o ângulo da LSF possibilita-nos a observação dos contextos em que foram produzidos os textos dos editoriais, do objetivo desse gênero, das escolhas realizadas, dos potenciais de significado encontrados e da forma léxico-gramatical que concede a veiculação de vozes externas nesse gênero.

## **1. Os pressupostos teóricos**

### **1.1 O editorial**

O editorial é “um gênero jornalístico que expressa a opinião oficial do órgão de imprensa, seja ele escrito, falado ou televisionado, diante de fatos de maior representatividade no momento” (SOARES, 2016, p. 56), não sendo, dessa forma, assinado. Para a autora, o editorial busca a defesa dos interesses de um grupo, seu discurso caracteriza-se por ser

pretensamente construído em nome dessa coletividade e do compromisso público. O editorial pode exercer, também, o papel de mediador entre a população — ou parte dela — e os governantes; o editorial também é visto como um narrador que atua como porta-voz dessa comunidade.

Dentro da perspectiva de gênero de Martin (1992), os editoriais se constituem como processos sociais — dada a característica de convivência em sociedade que permite a comunicação entre as pessoas —, orientados por um propósito — tendo como objetivo a discussão/reflexão sobre assuntos de maior relevância para a sociedade — e organizados por etapas — haja vista a necessidade de mais um estágio para alcançar o propósito do texto. Os conteúdos escritos ou falados, por circularem em nossa sociedade, podem ser agrupados por “famílias de gêneros de textual”. E o gênero editorial pertence à “família” dos textos cuja estrutura organizacional tem por intenção a persuasão do leitor. Segundo Longacre (1992), as fases de sua organização não são fixas, e ele sugere as seguintes etapas, ou “movimentos” como chama o autor, para sua constituição (*apud* SOARES, 2016):

**Quadro 1** – Modelo de Longacre (1992) e a constituição do discurso exortativo

1	Movimento	Estabelece autoridade e credibilidade para o produtor do texto.
2	Movimento	Apresenta a situação e ou o problema que será discutido.
3	Movimento	Apresenta comandos que podem estar dissimulados em ser sugestões.
4	Movimento	Propõe resultados desejáveis ou não.

(Fonte: Soares, 2016, p. 58).

Dentre as escolhas léxico-gramaticais caracterizadoras do gênero em questão está a inclusão de vozes externas, de autoridades ou testemunhos, realizadas por meio dos complexos oracionais. O editorialista se vale dessas vozes para a construção de sua argumentação direcionando-a aos seus leitores.

## 1.2 A Linguística-Sistêmico Funcional

Adotamos, neste trabalho, os fundamentos teóricos da LSF, que é uma corrente linguística que concebe a linguagem como um recurso sócio-semiótico capaz de criar significados por meio de escolhas feitas em diversos contextos sociais. Segundo Halliday (1994 *apud* FUZER; CABRAL, 2014, p. 19), é sistêmica porque vê a língua como uma rede de

sistemas linguísticos interligados, dos quais nos servimos para construir significados. É funcional porque explica as estruturas gramaticais em relação ao significado e às funções que a língua desempenha.

Para Halliday e Matthiessen (2014, p. 3), quando as pessoas falam ou escrevem, elas produzem texto. Para os autores, o termo “texto” se refere a qualquer instância da linguagem, em qualquer meio, que faça sentido para alguém que conhece a língua; o texto é um processo de construção de significado em um dado contexto.

O texto está sempre inserido em dois contextos: de situação e de cultura, um envolvido no outro. Para que se compreenda adequadamente um texto, faz-se necessário compreender seu contexto, que emerge por meio de uma relação sistemática entre o meio social e a organização funcional da linguagem. O contexto de situação é o ambiente imediato no qual o texto está de fato funcionando e é preciso haver também informações acerca da história cultural dos indivíduos e dos tipos de prática social em que estão engajados (contexto de cultura). Na visão de Halliday e Matthiessen (2014, p. 660), *o texto realiza-se em orações* num dado texto que está sempre envolvido num dado contexto.

Outro princípio importante para a LSF (HALLIDAY, 1994) está nas metafunções da linguagem<sup>4</sup>: ideacional, interpessoal e textual. A metafunção ideacional está dividida em duas funções distintas: experiencial e lógica. A primeira é responsável pela construção de um modelo de representação do mundo e a segunda é responsável pelas combinações de orações que formam o complexo oracional. A metafunção interpessoal expressa a interação entre os participantes de um evento comunicativo que expressam opiniões, comandos, perguntas por meio da oração. A metafunção textual organiza as duas metafunções em textos coerentes, permitindo-nos empacotar informação como mensagens por meio da oração. Consiste de um Tema acompanhado de um Rema, sempre nessa ordem, representando o Tema o ponto de partida de mensagem e o Rema, a parte onde se desenvolvem as ideias que estão sendo veiculadas pelo Tema (FUZER; CABRAL, 2014, p. 131).

---

<sup>4</sup> A proposta de “metafunções” da linguagem em Halliday (1994, 2014) especifica aquilo a que a linguagem serve em seu funcionamento, presentes em todas as línguas: entender o ambiente (ideacional) e influir sobre outros (interpessoal). Um terceiro componente metafuncional, o “textual”, confere relevância a esses dois propósitos mais gerais do uso da linguagem (NEVES, 2016, p. 97).

### 1.3 O complexo oracional

As orações podem ser usadas independentemente; todavia, para que façam sentido e estejam em harmonia, deve haver uma relação de coesão entre elas, o que acaba por realizar, ainda que implicitamente, certas relações lógico-semânticas. Existem três tipos básicos de relações para juntar as orações: coesão, interdependência e encaixamento (HE, 2019).

Segundo Eggins, complexo oracional é o termo que sistemicistas usam para uma unidade gramatical e semântica quando duas ou mais orações são unidas de maneira significativa e sistêmica (EGGINS, 2004, p. 255).

O primeiro aspecto pertinente às relações entre orações, sob o ponto de vista da Gramática Sistêmico-Funcional — GSF —, é de que o vínculo entre elas é de modificação; porém, segundo Halliday (1994, p. 218) esse conceito pode ser enriquecido ao se reconhecerem alternativas sistêmicas ao longo de duas dimensões distintas: (i) o tipo de interdependência (taxe, ou seja, organização entre as orações), também chamado como eixo tático, e (ii) a relação lógico-semântica entre as orações, denominado como eixo lógico-semântico.

O sistema tático diz respeito à interdependência entre as orações que deve ser entendido a partir do status de igualdade ou desigualdade entre as orações. Esse status será desigual quando uma oração do complexo oracional for dominante e a outra dependente em relação a ela; será de status igual quando as orações figurarem lado a lado em pé de igualdade, e nenhuma oração depender da outra. Na hipotaxe, do grego, hipo “sub”, “abaixo de”, a ligação é entre um elemento dependente e seu dominante. Na parataxe, também do grego *para* “ao lado” e *taxe* “organizar”, uma oração inicia e a outra continua. (HALLIDAY, 1994, p. 218).

No eixo lógico-semântico estão as noções de expansão e projeção. A expansão menciona fenômenos da ordem da experiência relacionada à realidade cotidiana da nossa existência material; a projeção relata fenômenos de uma outra ordem da experiência, a linguística, isto é, uma segunda ordem da realidade que é trazida à existência apenas pelo sistema da linguagem (dizer ou pensar).

Na expansão, uma oração expande o significado de outra de vários modos. A expansão de conteúdo pode ser por extensão, elaboração, intensificação e podem ocorrer nos eixos paratático ou hipotático ou ainda por encaixamento, que será abordado no próximo item. Na expansão por elaboração não se adiciona nenhum elemento novo à mensagem, apenas são apresentadas mais informações sobre o que já está dado na oração primária; por extensão,

adiciona-se algum novo elemento à oração primária, excetuando ou oferecendo uma alternativa; e por intensificação, a sentença secundária intensifica o significado da oração primária, cobrindo valores semânticos, quer dizer, indicando uma circunstância de lugar, tempo, causa, condição, finalidade, razão, propósito, maneira, meio, proporção etc.

Na projeção, uma segunda ordem da realidade é formada pelos significados e palavras que os processos da primeira trazem à existência. A projeção na GSF pode ser configurada em três tipos:

- (i) Nível de projeção (locução x ideia).  
O conteúdo de uma oração mental é chamado de ideia; o da oração verbal, de locução;
- (ii) O modo de produção (relato hipotático x citação paratática).  
O recurso da projeção apresenta características dos processos de expansão, em que ocorrem as combinações de nexos paratáticos e nexos hipotáticos, bem como de encaixamento;
- (iii) A função da fala (proposições projetadas x propostas projetadas).  
Podem ocorrer dois processos distintos: um com proposições (afirmações) e outro com propostas (ordem, comando etc.), estabelecidos por processos mentais;

#### **1.4 O encaixamento**

A teoria de Halliday ressalta a importância de distinguirmos as relações "táticas" de parataxe e hipotaxe na combinação de orações e no encaixamento de orações. Parataxe e hipotaxe são relações entre orações, o encaixamento não. O encaixamento é um mecanismo semogênico — criação de significado — pelo qual uma oração passa a funcionar como um constituinte em outra oração, não formando, dessa forma, um complexo oracional. Portanto, não existe relação direta entre uma oração encaixada e a oração dentro da qual está sendo encaixada; a relação de uma oração encaixada com a oração "externa" é indireta, com um grupo (sintagma) como intermediário no encaixamento.

Podemos demonstrar, também, fazendo a distinção entre orações adjetivas explicativas e restritivas da GT, pois para a GSF, as explicativas mantêm o sentido, nas quais a oração hipotática e secundária não introduzem um novo elemento, mas fornece uma posterior

caracterização de um dado que já está lá na oração primária, reafirmando-o, esclarecendo-o, refinando-o, ou adicionando-lhe um atributo descritivo ou comentário. Trata-se, pois, de expansão por elaboração.

Com relação à restritiva, a GT, como visto em Rocha Lima (2011), assim a classifica:

A oração RESTRITIVA tem por ofício delimitar o antecedente, com o qual forma um todo significativo; em razão disso, não pode ser suprimida, sob pena de a oração principal ficar prejudicada em sua compreensão (ROCHA LIMA, 2011, p. 336) <sup>5</sup>

Como podemos observar, Rocha Lima menciona “um todo significativo” sem o qual a compreensão fica prejudicada. Estamos diante de uma interessante correspondência que nos conduzirá ao entendimento desse tipo de construção — o encaixamento — na GSF.

### 1.5 Vozes discursivas

Para Bakhtin (1997), estamos constantemente participando de um diálogo, isto é, estamos inevitavelmente interagindo com o outro, constituindo esse outro e sendo por ele constituídos; ou seja, para o pensador, o dialogismo é o princípio básico da existência humana. Em suas investigações, Bakhtin destaca a polifonia, já que todo texto resulta do encontro de várias vozes, pelo fato de apresentar um caráter dialógico — embora alguns textos apresentem um efeito de monofonia — e Bakhtin defende que qualquer discurso é permeado por palavras ou ideias de outrem, mas essas outras vozes podem ser assimiladas, citadas ou refutadas em um discurso de forma explícita ou podem ser disfarçadas sob o aspecto de um discurso monológico.

Como o *corpus* deste artigo pertencente ao gênero editorial, estamos lidando com textos argumentativos com “momentos” dissertativos (GARCIA, 2007). Ambos os tipos de textos têm características próprias, dissertar, por exemplo, particulariza-se por apresentar uma exposição ou explanação, explicação ou interpretação de ideias; já argumentar se caracteriza, sobretudo, por buscar convencer, persuadir ou influenciar o leitor ou ouvinte. Garcia aponta que a argumentação consiste em dois elementos principais: a consistência do raciocínio e a evidência das provas. Essas “provas” são incorporadas aos textos. Devemos entender como possíveis “provas” a presença de outras vozes (explícitas ou dissimuladas) que corroboram o raciocínio pretendido pelo produtor do texto.

---

<sup>5</sup> Grifo nosso.

Os editoriais, por sua característica argumentativa, incluem vozes alheias como um dos artifícios para assegurar confiabilidade e credibilidade, valendo-se de depoimentos de autoridades e de referência de especialistas no assunto abordado, e esses especialistas podem ser políticos, ministros, economistas, cientistas etc. De modo geral, o objetivo do editorialista é embasar seus argumentos, trazendo diferentes perspectivas ou mesmo recorrendo aos chamados “argumentos de autoridade”. Assim, a voz discursiva é incorporada ao texto para revelar ao leitor o conhecimento das fontes compiladas pelo editorialista, para respaldar opiniões, ou ainda convencer e atrair o leitor a adotar determinada ação ou pensamento (SOARES, 2016). Tais vozes podem ainda ser introduzidas no texto como uma forma de o editorialista se eximir da responsabilidade pela fala ou pelos pensamentos incluídos em seu texto.

## 2. Procedimentos metodológicos

De forma bem específica, a proposta deste trabalho é observar os complexos oracionais que contêm vozes externas. Esta pesquisa filia-se à base funcionalista de Descrição da Língua Portuguesa — *A funcionalidade das estruturas léxico-gramaticais em gêneros midiáticos* —, observando-se a funcionalidade das estruturas léxico-gramaticais em gêneros midiáticos e recorrendo-se aos pressupostos teóricos da Linguística Sistêmico-Funcional, segundo Michael Halliday (1994, 2014).

A opção pelo gênero editorial justifica-se pelo fato de serem empregados nos textos argumentos com vozes discursivas, seja pela forma de testemunhos como critérios da verdade, seja pela forma de apresentação de fatos, seja por elementos como exemplos, ilustrações e dados estatísticos.

Este artigo caracteriza-se como um recorte de uma pesquisa desenvolvida na dissertação *Orações complexas, um potencial de significado para a concretização de vozes discursivas em editoriais: uma abordagem sistêmico-funcional* (SILVA, 2022). O desenvolvimento analítico deste artigo se baseia na abordagem de pesquisa qualiquantitativa, permitindo examinar e relacionar variáveis. A pesquisa mais ampla envolveu quatro editoriais dos jornais O Globo, Estado de São Paulo, Folha de São Paulo e Valor Econômico, totalizando 16, publicados de segunda a sexta-feira no site cidadania23 (cidadania23.org.br), na seção de artigos e subseção “Veja as manchetes e editoriais de hoje”, na qual dispõe as manchetes e editoriais dos referidos



periódicos que registraram o quantitativo de mortes por covid-19, na faixa temporal de março de 2020 a março de 2021.

Quanto à seleção dos editoriais (1 e 2), o primeiro representa as ações iniciais tomadas pelo governo federal, quando do registro das primeiras mortes por covid-19. O segundo foi escolhido randomicamente e simboliza o que se repetiu durante o intervalo temporal da pesquisa; de um lado, o discurso do governo federal propondo uma mudança da “realidade” ao impor a naturalização da tese de que a economia do país seria destruída se as mesmas medidas protetivas tomadas por chefes de outras nações fossem adotadas no país, bem como a relação de justificativas para o atraso na compra de vacinas; do outro, as vozes discursivas baseadas em argumentos de autoridades e instituições confiáveis com o objetivo de levar o público-alvo do gênero em questão a uma reflexão respaldada em fatos.

A análise está fundamentada principalmente nos estudos de Halliday (1994), Halliday e Mathiessen (2014), Bakhtin (1997), Soares (2014) e organizada nas seguintes etapas: a) contextualização dos editoriais; b) identificação do complexo oracional responsável pela veiculação da voz externa em uma tabela, marcando em negrito a oração em que a voz explícita é veiculada; c) identificação em tabela da relação lógico-semântica construída no complexo oracional; d) identificação em tabela da relação tática constituída no complexo oracional; e) no caso da construção de encaixamento, será identificada na tabela se a oração “externa” está no eixo lógico-semântico da expansão ou da projeção; f) a nomenclatura adotada para as relações lógico-semânticas de expansão e projeção obedece aos seguintes critérios: para a expansão, será incluído um dos três tipos de relação semântica: elaboração, extensão ou intensificação; para a projeção, será indicado um dos tipos de projeção: de locução ou de ideia; g) a nomenclatura utilizada para a tradução dos termos da GSF encontra-se na *Lista de termos da LSF em português brasileiro: léxico-gramática* (CABRAL *et al*, 2021); e, h) serão indicados os casos em que ocorrer em orações não finitas, quer na projeção, quer na expansão.

### **3. Análises dos dados**

#### **3.1 Editorial 1**

Quanto à análise a respeito da incidência de vozes e o propósito social do gênero editorial selecionados para este artigo, percebe-se que no editorial 1, publicado na *Folha de São Paulo*, em 19/3/20, havia uma intenção de o governo seguir as medidas adotadas pelas demais

nações já atingidas pela pandemia, como o reconhecimento pelo dirigente do país do estado de calamidade pública, a fim de que os governos das três esferas pudessem tomar medidas urgentes diante do problema iminente. Naquele momento descrito no texto, evidencia-se no editorial seu papel de mediador entre a população e os governantes demonstrando uma crença no discurso e nas pequenas ações tomadas pelo governo federal (pedido de reconhecimento simbólico do estado de calamidade pública e a publicação de uma portaria estabelecendo punições), em comunhão com os interesses da sociedade já defendidos pela própria Folha. Reproduz-se, a seguir, o primeiro editorial:

## Quadro 2 – Editorial 1.

### Calamidade

*Que ao menos ações do governo sejam mais coerentes que afirmações do presidente*

Enquanto o Brasil registra as primeiras mortes provocadas pela covid-19, o governo Jair Bolsonaro toma, em meio a um discurso errático, suas primeiras medidas mais drásticas — entre as quais se destaca, pela carga simbólica, o pedido ao Congresso de reconhecimento do estado de calamidade pública.

Em termos práticos, abre-se o caminho para a elevação de gastos públicos destinados a combater a doença e seus efeitos econômicos. Nesta quarta (18), anunciou-se um desembolso de R\$ 15 bilhões em três meses para o amparo de trabalhadores informais.

A providência vai ao encontro do que defendeu esta Folha, mas ainda carece de detalhamento.

Espera-se que ao menos as ações do governo se mostrem mais tempestivas e coerentes que as declarações do chefe de Estado. Em confusa entrevista coletiva, cercado de ministros, Bolsonaro mostrou mais preocupação em repetir bravatas do que em aprender o uso correto da máscara de proteção.

Além de apontar a calamidade pública, o Executivo publicou portaria estabelecendo punições a quem descumprir ordens médicas e determinando o uso de força policial para encaminhar pacientes desobedientes.

Todas as unidades da Federação estão suspendendo as aulas nas escolas das redes pública e privada e limitando as atividades nas repartições. O estado do Rio proibiu a entrada e a saída de ônibus na região metropolitana, além de reduzir a lotação dos coletivos.

Em São Paulo, cidade mais atingida, o prefeito Bruno Covas (PSDB) decretou situação de emergência e determinou o fechamento de comércios e aparelhos culturais.

Nada disso constitui exagero, ainda que as mortes contadas até aqui representem parcela pequena das infecções causadas pelo vírus Sars-Cov-2. Hoje, a letalidade da doença é estimada em 3,6%, com uma distribuição bastante desigual entre as faixas etárias.

O maior risco decorrente da epidemia, do ponto de vista da saúde pública, é o contágio maciço da população num curto espaço de tempo, e, por conseguinte, a sobrecarga dos serviços de atendimento.

Pelos dados até aqui coletados, cerca de 15% das pessoas contaminadas terminam por desenvolver quadros graves, que podem acarretar a necessidade de cuidados hospitalares, e 5% atingirão estado crítico, necessitando de suporte ventilatório em leitos de UTI.

Como se trata de uma doença que se alastra velozmente, a demora para agir pode levar a um colapso do sistema de saúde, como tem sido visto na Itália e no Irã.

O efeito colateral das medidas de isolamento e quarentena é a queda brutal, ainda que temporária, da atividade econômica, com efeitos dramáticos sobre a renda dos mais vulneráveis. Esta calamidade pode ser apenas atenuada, a um custo fiscal grande, porém inescapável.

Fonte: <https://cidadania23.org.br/2020/03/19/veja-as-manchetes-e-editoriais-dos-principais-jornais-hoje-19-03-2020/>; quadro elaborado pelo autor com dados de sua pesquisa.

Em seguida, no quadro 1, apresentaremos os complexos oracionais com a identificação em negrito das respectivas relações que duas orações podem realizar: relações lógico-semânticas, interdependência ou encaixamento.

**Quadro 3** – Seleção do complexo oracional do Editorial 1.

Complexo oracional	Eixo lógico-semântico	Eixo tático	Encaixamento
(1) Enquanto o Brasil registra as primeiras mortes provocadas pela covid-19, o governo Jair Bolsonaro toma, em meio a um discurso errático, suas primeiras medidas mais drásticas — entre <b>as quais se destaca, pela carga simbólica, o pedido ao Congresso de reconhecimento do estado de calamidade pública.</b>	Expansão por elaboração	Hipotaxe	
(2) A providência vai ao encontro do <b>que defendeu esta Folha</b> , mas ainda carece de detalhamento.	Expansão por extensão		Encaixamento
(3) Além de apontar a calamidade pública, o Executivo publicou portaria <b>estabelecendo punições a quem descumprir ordens médicas e determinando o uso de força policial para encaminhar pacientes desobedientes.</b>	Projeção de locução não finita	Hipotaxe	

(Fonte: elaborado pelo autor com dados de sua pesquisa)

### 3.1.1 Análise das ocorrências no editorial 1

O editorialista inicia o texto apresentando-nos duas situações que ocorrem de forma simultânea e proporcional, isto é, enquanto registram-se as primeiras mortes provocadas pela

covid-19 no país, o governo toma medidas mais radicais, que são incorporadas pelo editorialista por meio de uma voz externa realizada por uma expansão de elaboração hipotática em (1).

(1) Enquanto o Brasil registra as primeiras mortes provocadas pela covid-19, o governo Jair Bolsonaro toma, em meio a um discurso errático, suas primeiras medidas mais drásticas — **entre as quais se destaca, pela carga simbólica, o pedido ao Congresso de reconhecimento do estado de calamidade pública.**

Ao avaliar as primeiras medidas mais drásticas de combate à epidemia tomadas pelo governo, o editorialista destaca o amparo monetário aos trabalhadores informais como uma das medidas positivas. Tal atitude foi defendida pelo próprio veículo jornalístico como forma de se mostrar como veículo transparente, mencionando a própria voz do veículo jornalístico (2) como fonte (confiável) que defendia antecipadamente os anseios de trabalhadores informais.

A voz externa, realizada por meio de uma expansão por encaixamento, surge recorrendo a um processo de referenciação em que o termo “providência” retoma o que foi dito no parágrafo anterior e a “voz” da *Folha* fica subtendida para os leitores que acompanham as reportagens e/ou editorias do jornal diariamente.

(2) A providência vai ao encontro **do que defendeu esta Folha**, mas ainda carece de detalhamento (FOLHA DE SÃO PAULO, 2021).

Ao discutir o tema do editorial, o autor introduz como voz polifônica (3), por intermédio de uma projeção de locução hipotática não finita, que contém o conteúdo da portaria publicada e, em contraponto, ele apresenta ao leitor ações mais rígidas empregadas por alguns governadores e prefeitos.

(3) Além de apontar a calamidade pública, o Executivo publicou portaria **estabelecendo punições a quem descumprir ordens médicas e determinando o uso de força policial para encaminhar pacientes desobedientes** (FOLHA DE SÃO PAULO, 2021).

As inserções de vozes externas ao texto 1 permitiram ao editorialista incluir as primeiras estratégias adotadas pelo governo, valorizar o próprio veículo de comunicação como uma instituição confiável, incorporada em seu argumento fazendo uso de uma expansão por encaixamento. Para demonstrar sua desaprovação em relação às medidas alardeadas no início da pandemia que ficariam restritas ao discurso do presidente, o autor reporta em seu argumento a linha de ação mais forte para combate ao vírus, que foi introduzida por intermédio de uma projeção de locução hipotática não finita.

Após a análise do segundo editorial, será apresentado no quadro 4 um resumo das relações lógico-semânticas encontradas nos dois textos.

### 3.2 Editorial 2

O texto do editorial 2, publicado no jornal *O Estado de São Paulo*, em 15/5/20, e escolhido randomicamente, expõe a “guerra” entre o governo federal e os entes estaduais e municipais, que consideram o presidente da República como o principal “sabotador” das ações para o enfrentamento da pandemia.

Depois de dois meses e com um número já superior a 10.000 mortos por covid-19, o editorial 2 apresenta vozes de integrantes do próprio governo fazendo uso de seus dados para defender o ponto de vista adotado pelo Executivo de que a economia não poderia parar, além da voz do próprio presidente da república, que dissemina a ideia de que havia uma “guerra” contra seu governo liderada por adversários políticos. O editorialista em seu papel de intermediário, levando-se em conta seu público-alvo com certa proficiência de leitura, busca em argumentos de autoridades de instituições sérias e confiáveis contrastar as medidas tomadas pelo presidente em todo o período da pandemia.

#### Quadro 4 – Editorial 2.

A guerra de Bolsonaro
Presidente quer fazer crer que o isolamento social, adotado em todo o mundo para conter a pandemia, é escolha, não imperativo
A equipe econômica do governo federal informou na quarta-feira, dia 13, que sua projeção para o Produto Interno Bruto (PIB) deste ano caiu de 0,02% positivo para 4,7% negativos. O dado foi apresentado de forma a enfatizar o caráter dramático da situação e a atribuir o cerne do problema ao isolamento social para enfrentar a pandemia de covid-19. Segundo informou o Ministério da Economia, o PIB perde R\$ 20 bilhões por semana em razão do isolamento.
Embora tenha negado que estivesse fazendo críticas à adoção da quarentena, o secretário de Política Econômica, Adolfo Sachsida, disse, ao apresentar os números, que o objetivo era “deixar claro para a sociedade o custo das decisões” e mostrar que, “quanto mais semanas ficarmos em distanciamento social, maior será o número de falências e de desemprego e maior será o impacto de longo prazo”.
Ato contínuo, na manhã seguinte, o presidente Jair Bolsonaro informou aos brasileiros que há uma “guerra” em curso no País, em referência ao isolamento social determinado por autoridades estaduais e municipais. “O que está acontecendo parece uma questão política, tentando quebrar a economia para atingir o governo”, disse Bolsonaro, em seu dialeto peculiar.
Ou seja, o governo parece ter unificado o discurso em torno da narrativa segundo a qual o Brasil está à beira do precipício econômico e social não em razão da pandemia, que está arrasando mesmo países desenvolvidos, mas sim graças ao isolamento social – que, conforme Bolsonaro, é resultado de um imenso complô da oposição, em conluio com a imprensa e com o Judiciário, para sabotar sua administração.
Para essa “guerra” em defesa de seu governo e, por extensão, do País, Bolsonaro convocou os empresários a pressionar o governador de São Paulo, João Doria, a relaxar a quarentena no Estado. “Um homem está decidindo

o futuro de São Paulo, o futuro da economia do Brasil. Os senhores (empresários), com todo o respeito, têm de chamar o governador e jogar pesado, porque a questão é séria, é guerra”, disse o presidente, que, prevendo “caos” social, arrematou: “O Brasil está quebrando. E depois de quebrar, não é como alguns dizem, que a economia recupera. Não recupera. Vamos ser fadados a viver num país de miseráveis, como alguns países da África Subsaariana”.

Assim, o presidente Bolsonaro quer fazer crer que o isolamento social, adotado em todo o mundo para conter a pandemia, é uma escolha, e não um imperativo — e essa escolha, aqui no Brasil, seria fruto de maquinações políticas. Ora, é um insulto à inteligência presumir que chefes de Estado ao redor do mundo estejam submetendo seus governados a privações desnecessárias. A Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), por exemplo, estima que 9 das 11 principais economias do mundo terão retração econômica severa e, em vários casos, sem precedentes. O Unicef (Fundo da ONU para a Infância) prevê que o colapso do sistema de saúde aumentará em 1,2 milhão de crianças a conta da mortalidade infantil no mundo nos próximos seis meses. O empobrecimento planetário já é uma realidade — que fica particularmente dramática em países cujos governantes, como Bolsonaro, agem de maneira irresponsável.

Se o presidente estivesse realmente preocupado em mitigar os múltiplos efeitos da pandemia, travaria uma guerra não contra os governadores e contra a oposição, e sim contra o vírus — que, por ora, está em grande vantagem, graças à bagunça que Bolsonaro criou no Ministério da Saúde, incapaz de liderar os esforços contra a pandemia, e ao comportamento do presidente, que continua a desdenhar das mortes, estimulando os brasileiros a ignorar a quarentena.

Nesse seu prélio delirante, Bolsonaro chegou até a citar uma frase de Napoleão, “enquanto o inimigo estiver fazendo um movimento errado, deixe-o à vontade”, para dizer que “o movimento errado é se preocupar apenas e tão somente com a questão do vírus” — e quem ganha com isso, disse o presidente, é “a esquerda”, que “está quietinha”.

Se quisesse realmente se inspirar em Napoleão, o presidente Bolsonaro deveria buscar outra frase do general francês, aquela que diz que “o verdadeiro líder é um mercador de esperanças”. Algo praticamente impossível para um presidente cuja vocação é frustrá-las.

Fonte: <https://cidadania23.org.br/2020/05/15/veja-as-manchetes-e-editoriais-dos-principais-jornais-hoje-15-05-2020/>; quadro elaborado pelo autor com dados de sua pesquisa.

Em seguida, no quadro 2, apresentaremos os complexos oracionais com a identificação em negrito das respectivas relações que duas orações podem realizar: relações lógico-semânticas, interdependência ou encaixamento.

**Quadro 5** – Seleção do complexo oracional do Editorial 2.

Complexo oracional	Eixo lógico-semântico	Eixo tático	Encaixamento
(4) A equipe econômica do governo federal informou na quarta-feira, dia 13, <b>que sua projeção para o Produto Interno Bruto (PIB) deste ano caiu de 0,02% positivo para 4,7% negativos.</b>	Projeção de locução	Hipotaxe	
(5) Segundo informou o Ministério da Economia, <b>o PIB perde R\$ 20 bilhões por semana em razão do isolamento.</b>	Projeção de locução	Hipotaxe	
(6) <b>Embora tenha negado que estivesse fazendo críticas à adoção da quarentena,</b> o secretário de Política Econômica,	Expansão por intensificação do tipo condição: concessiva	Hipotaxe	

Adolfo Sachsida, disse (...)			
(7) (...) [Adolfo Sachsida] disse, ao apresentar os números, <b>que o objetivo era “deixar claro para a sociedade o custo das decisões”</b>	Projeção de locução	Hipotaxe	
(8) e mostrar <b>que, “quanto mais semanas ficarmos em distanciamento social, maior será o número de falências e de desemprego e maior será o impacto de longo prazo”</b> .	Projeção de locução	Parataxe	
(9) o presidente Jair Bolsonaro informou aos brasileiros <b>que há uma “guerra” em curso no País, em referência ao isolamento social determinado por autoridades estaduais e municipais</b> .	Projeção de locução	Hipotaxe	
(10) <b>“O que está acontecendo parece uma questão política, tentando quebrar a economia para atingir o governo”</b> , disse Bolsonaro, em seu dialeto peculiar.	Projeção de locução	Parataxe	
(11) Ou seja, o governo parece ter unificado o discurso em torno da narrativa <b>segundo a qual o Brasil está à beira do precipício econômico e social não em razão da pandemia, que está arrasando mesmo países desenvolvidos, mas sim graças ao isolamento social (...)</b>	Expansão por elaboração	Hipotaxe	
(12) <b>“Um homem está decidindo o futuro de São Paulo, o futuro da economia do Brasil. Os senhores (empresários), com todo o respeito, têm de chamar o governador e jogar pesado, porque a questão é séria, é guerra”</b> , disse o presidente	Projeção de locução	Parataxe	

(13) [o presidente] arrematou: <b>“O Brasil está quebrando. E depois de quebrar, não é como alguns dizem, que a economia recupera. Não recupera. Vamos ser fadados a viver num país de miseráveis, como alguns países da África Subsaariana”.</b>	Projeção de locução	Parataxe	
(14) A Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), por exemplo, estima <b>que 9 das 11 principais economias do mundo terão retração econômica severa e, em vários casos, sem precedentes.</b>	Projeção de ideia	Hipotaxe	
(15) O Unicef (Fundo da ONU para a Infância) prevê <b>que o colapso do sistema de saúde aumentará em 1,2 milhão de crianças a conta da mortalidade infantil no mundo nos próximos seis meses.</b>	Projeção de ideia	Hipotaxe	
(16) Nesse seu prêmio delirante, Bolsonaro chegou até a citar uma frase de Napoleão, <b>“enquanto o inimigo estiver fazendo um movimento errado, deixe-o à vontade”.</b>	Projeção de locução	Parataxe	
(17) Para [Bolsonaro] dizer <b>que “o movimento errado é se preocupar apenas e tão somente com a questão do vírus”</b> (...)	Expansão por intensificação do tipo causa propósito	Hipotaxe	
(18) (...) – <b>e quem ganha com isso</b> , disse o presidente, é <b>“a esquerda”</b> , que <b>“está quietinha”.</b>	Projeção de locução	Parataxe	

(Fonte: elaborado pelo autor com dados de sua pesquisa).

### 3.2.1 Análise das ocorrências no editorial 2



Conforme mencionado na *lead* do texto — *Presidente quer fazer crer que o isolamento social, adotado em todo o mundo para conter pandemia, é escolha, não imperativo* —, o editorialista reconhece a estratégia adotada pelo discurso do presidente da República de que a adesão ao isolamento social, como um dos expedientes para combater a pandemia, criará problemas para a economia do país. Para tal, o editorialista se vale de diversas vozes externas de representantes da área econômica como principal recurso para sua argumentação.

Os dois primeiros parágrafos do editorial são formados por cinco asserções atribuídas a outros enunciadores na construção da argumentação, que serão analisadas separadamente em seguida.

A proposta do editorialista é mostrar ao leitor que há, de acordo com a percepção do presidente, uma “discordância” em curso a respeito do isolamento social e que a estratégia do governo é conferir a uma parte da população adepta ao isolamento a responsabilidade pela falência de empresas e, conseqüentemente, pelo desemprego. Para começar a exibir a proteção da tese governamental, o editorialista desvela para o leitor a sequência de acontecimentos recentes desde a projeção negativa dos dados do PIB, valendo-se de vozes externas. Temos em (4), na forma de uma projeção de locução hipotática, a indicação da fonte da informação declarada sobre o PIB, sendo a equipe econômica do governo a encarregada pela elaboração dos dados oficiais relativos ao cálculo.

(4) A equipe econômica do governo federal informou na quarta-feira, dia 13, **que sua projeção para o Produto Interno Bruto (PIB) deste ano caiu de 0,02% positivo para 4,7% negativos** (O ESTADO DE SÃO PAULO, 2020).

Em seguida, no final do primeiro parágrafo, somos expostos à justificativa da queda negativa por intermédio de uma voz passiva em que o ator do processo “apresentar” encontra-se elíptico, porém é deduzível que se refere à “equipe econômica”; prosseguindo, o autor conclui o parágrafo em análise com uma projeção de locução hipotática em (5).

(5) Segundo informou o Ministério da Economia, **o PIB perde R\$ 20 bilhões por semana em razão do isolamento** (O ESTADO DE SÃO PAULO, 2020).

No terceiro parágrafo, o editorialista se favorece de uma estrutura de intensificação hipotática do tipo condição concessiva em (6) para acrescentar outra voz alheia e mostrar ao leitor que o secretário de Política Econômica fizera uma crítica quando exibiu os números do PIB — ainda que não tenha tido essa intenção.

(6) **Embora tenha negado que estivesse fazendo críticas à adoção da quarentena**, o secretário de Política Econômica, Adolfo Sachsida, disse, (O ESTADO DE SÃO PAULO, 2020)

Não podemos nos esquecer de que a conjunção “embora” introduz sempre uma informação vista como fato real (AZEREDO, 2018, p. 366). Além do mais, na construção concessiva a escolha de qualquer um dos elementos disjuntivos não influi no conteúdo da oração principal, sendo incapaz de alterá-lo, como bem assevera Neves (2011, p.871). Portanto, o secretário realmente diz (7) e (8) — ainda que não admita ter feito uma reprimenda —, e o editorialista se favorece do discurso externo do secretário para corroborar sua argumentação sobre a crítica feita pelo secretário, que surge na léxico-gramática realizadas por projeções de locuções hipotática (7) e paratática (8):

(7) Adolfo Sachsida, disse, ao apresentar os números, **que o objetivo era “deixar claro para a sociedade o custo das decisões”**

(8) e mostrar **que, “quanto mais semanas ficarmos em distanciamento social, maior será o número de falências e de desemprego e maior será o impacto de longo prazo”** (O ESTADO DE SÃO PAULO, 2020).

Após serem apresentadas as teorias de que o isolamento atrapalha a economia, o autor anuncia aos seus leitores a posição direta do presidente, juntando a sua fala ao que o editorialista vem descrevendo como fatos ocorridos. O texto faz uso de uma projeção de locução hipotática por relato em (9), com o processo verbal informar no qual o editorialista “interpreta” para seu público o que Bolsonaro quis dizer ao usar o termo “guerra”. Em seguida, o autor se utiliza de uma projeção de locução paratática por citação da fala de Bolsonaro em (10), a que chama de “dialeto peculiar” do presidente, o que justificou a sua antecipada proposta de “tradução” do “dialeto” presidencial.

(9) Ato contínuo, na manhã seguinte, o presidente Jair Bolsonaro informou aos brasileiros **que há uma “guerra” em curso no País, em referência ao isolamento social determinado por autoridades estaduais e municipais.**

(10) **“O que está acontecendo parece uma questão política, tentando quebrar a economia para atingir o governo”**, disse Bolsonaro, em seu dialeto peculiar (O ESTADO DE SÃO PAULO, 2020).

A linha argumentativa adotada pelo editorialista de “traduzir” a fala do presidente prossegue, ao iniciar o quarto parágrafo, com a conjunção de elaboração *ou seja* e agregar duas falas externas. Vejamos o excerto e, na sequência, dividiremos seus elementos para fins didáticos de análise.

*Ou seja, o governo parece ter unificado o discurso em torno da narrativa segundo a qual o Brasil está à beira do precipício econômico e social não em razão da pandemia,*

*que está arrasando mesmo países desenvolvidos, mas sim graças ao isolamento social — que, conforme Bolsonaro, é resultado de um imenso complô da oposição, em conluio com a imprensa e com o Judiciário, para sabotar sua administração (ESTADO DE SÃO PAULO, 2020).*

O parágrafo anterior é bem construído a partir de recursos que envolvem e atraem o leitor, porque o autor tem o cuidado de modalizar a informação que vai inserir no seu argumento pelo modal “parece” e adiciona à sua argumentação outra voz externa, desta vez, por meio de uma circunstância de assunto. O que é dito externamente e faz parte da “narrativa” aparece realizado por uma expansão por elaboração do tipo clarificação por hipotaxe em (11).

(11) Ou seja, o governo parece ter unificado o discurso em torno da narrativa **segundo a qual o Brasil está à beira do precipício econômico e social não em razão da pandemia, que está arrasando mesmo países desenvolvidos, mas sim graças ao isolamento social** (...) (O ESTADO DE SÃO PAULO, 2020)

Em outras palavras, o conteúdo inicial do editorial se desenrolou da seguinte forma: o governo exibiu a sua projeção negativa sobre os dados do PIB; um membro do governo associara os pontos negativos às consequências do isolamento social. No dia seguinte, o presidente repete a tese sustentada pelo representante de seu governo e diz existir uma “guerra” contra os governadores e prefeitos, que são a favor do isolamento social. Em seguida, com base em seu papel de porta-voz confiável, o editorialista passa a “interpretar/traduzir” aquilo que chama de dialeto do presidente, bem como o seu ponto de vista sobre a “sabotagem” à administração.

Com o objetivo de exemplificar aos leitores um dos responsáveis pelo “imenso complô”, o editorialista cita o contra-ataque do governo federal ao governador de São Paulo, João Dória, por intermédio de uma construção de projeção de locução paratática em (12).

(12) **“Um homem está decidindo o futuro de São Paulo, o futuro da economia do Brasil. Os senhores (empresários), com todo o respeito, têm de chamar o governador e jogar pesado, porque a questão é séria, é guerra”**, disse o presidente (...) (O ESTADO DE SÃO PAULO, 2020)

No desdobramento do parágrafo em análise, o presidente conclui sua linha de raciocínio por meio de outra projeção de locução paratática em (13):

(13) [o presidente] arrematou: **“O Brasil está quebrando. E depois de quebrar, não é como alguns dizem, que a economia recupera. Não recupera. Vamos ser fadados a viver num país de miseráveis, como alguns países da África Subsaariana”** (O ESTADO DE SÃO PAULO, 2020).

Para mostrar que o veículo de comunicação mantém uma opinião diferente da do presidente, o editorialista se utiliza de dados estimativos da organização OCDE em (14), por meio de uma projeção hipotática de ideia:

(14) A Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), por exemplo, estima **que 9 das 11 principais economias do mundo terão retração econômica severa e, em vários casos, sem precedentes** (O ESTADO DE SÃO PAULO, 2020).

A fim de acrescentar mais credibilidade à sua argumentação, o editorialista insere nova voz discursiva, agora da Unicef, em (15), fazendo uso de projeção de ideia hipotática.

(15) O Unicef (Fundo da ONU para a Infância) prevê **que o colapso do sistema de saúde aumentará em 1,2 milhão de crianças a conta da mortalidade infantil no mundo nos próximos seis meses** (O ESTADO DE SÃO PAULO, 2020).

É relevante destacar que tanto (14) e (15) apresentam complexos oracionais cujos respectivos processos mentais *estimar* e *prever* refletem conjecturas a serem confirmadas ou não no decorrer da pandemia; todavia, por se referirem a avaliações de instituições internacionalmente reconhecidas, conferem um peso maior à posição contrária defendida pelo veículo de comunicação.

Em (16), a seguir, o presidente faz uso de uma citação, por uma projeção de locução paratática, que surge “traduzida” pelo próprio presidente na sequência, por intermédio de duas projeções de locução paratáticas, em (16) e (17). Em (18), estamos diante de uma expansão por intensificação do tipo causa propósito, com sentido de devido à intenção Q, então a ação P, que está configurada numa citação de Napoleão.

(16) Nesse seu prélio delirante, Bolsonaro chegou até a citar uma frase de Napoleão, **“enquanto o inimigo estiver fazendo um movimento errado, deixe-o à vontade”**, (17) para [Bolsonaro] dizer **que “o movimento errado é se preocupar apenas e tão somente com a questão do vírus”** – (18) e **quem ganha com isso**, disse o presidente, é **“a esquerda”, que “está quietinha”** [= e disse o presidente que quem ganha com isso é “a esquerda”, que está quietinha.] (O ESTADO DE SÃO PAULO, 2020).

O trecho (16) recorre a uma citação de Napoleão, estadista e líder militar francês, pois o presidente não só associa a figura napoleônica ao ambiente de batalhas (prélio), como também faz uso e emite sua avaliação, que pode ser confirmada em (17) e (18) quando parece insistir que há um movimento errado em não propagar o vírus, mas sim em culpar a esquerda. Ao concluir o texto, o editorialista não perde a oportunidade de exibir uma citação de Napoleão (na citação reproduzida abaixo deste parágrafo), que traduz o seu pensamento sobre Bolsonaro não

ser um líder; ou seja, faz uso de uma estratégia de recorrer a uma referência a Napoleão, citado anteriormente por Bolsonaro, para fazer uma crítica à atuação do presidente.

*“Se quisesse realmente se inspirar em Napoleão, o presidente Bolsonaro deveria buscar outra frase do general francês, aquela que diz que “o verdadeiro líder é um mercador de esperanças”*

O complexo oracional (6) expandido fazendo uso da intensificação do tipo concessiva agregou ao argumento do editorialista a oportunidade de reconhecer uma crítica por parte de integrante do governo. A ocorrência de uma expansão por elaboração, (11), esclarece ao leitor qual é narrativa a partir da qual o governo unificou seu discurso.

As combinações de orações projetadas por locução introduziram ao discurso do editorialista a presença de vozes de autoridades, incluindo instituições, suas posições, contradições, propagação de discursos, utilização de discurso alheio com fins políticos e críticos. Os complexos oracionais de projeção de ideia incluíram na argumentação a crença da suposta perseguição ao presidente e as estimativas que certas instituições fazem sobre o país.

A seguir, apresentamos um quadro resumo de ocorrências dos textos 1 e 2, nos Quadros 6 e 7.

**Quadro 6:** Resumo das análises da combinação de orações por expansão nos editoriais “Calamidade” e “A guerra de Bolsonaro”

Editoriais	EXPANSÃO					
	Eixo Lógico-Semântico			Eixo tático		Por encaixamento
	Extensão	Elaboração	Intensificação	Hipotaxe	Parataxe	
Nº 1	1	1	-	1	-	1
Nº 2	-	1	2	3	-	-
Percentuais	20%	40%	40%			

(Fonte: Elaborado pelo autor com dados de sua pesquisa).

**Quadro 7:** Resumo das análises da combinação de orações por projeção nos editoriais “Calamidade” e “A guerra de Bolsonaro”

Editoriais	PROJEÇÃO							
	Eixo lógico-semântico		Eixo tático		Por encaixamento			
	De locução	De ideia	Hipotaxe	Parataxe	Locução	Ideia	Fato	Nome
Nº 1	1	-	1	-	-	-	-	-
Nº 2	10	2	6	6	-	-	-	-
Percentuais	84,6%	15,3%						

(Fonte: Elaborado pelo autor com dados de sua pesquisa).

#### 4. Considerações finais

Nos dois editoriais escolhidos para esta análise, representando o primeiro as ações iniciais do governo e o segundo — selecionado randomicamente —, uma seleção de vozes de autoridades contrastando as ações adotadas pelo governo, foram encontradas 5 inserções por meio do processo de expansão de orações e 13 por intermédio do processo de projeção de orações. Constata-se, portanto, que foram empregados o uso de projeções de locução, como um dos recursos mais recorrentes (84,6%) para a inclusão de vozes externas, já que o procedimento tem o propósito de reforçar a confiança do editorialista por meio de testemunho ou opinião de autoridades sobre um dado assunto.

A escolha pelo eixo tático da hipotaxe nas projeções de locução, constituindo relações de dependência entre as orações, requer mais cuidado por parte do produtor para construir o texto e mais esforço por parte dos leitores para interpretá-lo do que requereria a escolha pela parataxe (EGGINS, 2004).

A projeção de locução por hipotaxe permite ao produtor do texto que sua estratégia argumentativa seja embasada em depoimentos de autoridades ou que seja apresentada a fonte diretamente, retirando do editorialista a responsabilidade do que fora dito. Por outro lado, o conteúdo introduzido passa por um “filtro” do redator, dependendo da intenção, da filosofia ou da ideologia do veículo de comunicação. Logo pode-se retirar, avaliar, criticar, elogiar o que fora dito, artifício facilmente percebido por um leitor proficiente.

A opção pelo eixo tático paratático nas projeções de locução, estabelecendo citações, mantém as duas orações com igual status como figuras independentes. Halliday e Matthiessen (2006) entendem que a figura citada é projetada como se ainda fosse parte da mesma realidade da primeira ordem. Este recurso assegura confiança e credibilidade ao que está sendo discutido no editorial, bem como comprova o que determinada autoridade dissera.

Com relação às duas projeções de ideias, no eixo tático por hipotaxe, convém destacar que estamos tratando da inserção do pensamento de alguém no discurso, o que só é possível por meio de processos mentais, como os citados no texto do tipo estimar e prever realizados por humanos (o experienciador), mas nos textos representados por instituições — fontes simbólicas —, que constroem algo por meio de uma realidade semiótica (o fenômeno); em outras palavras, estamos diante de avaliações, a serem confirmadas posteriormente, de

instituições de renome internacional que foram introduzidas ao texto como vozes externas por meio de processo mentais.

O segundo recurso mais usado para o acréscimo de vozes externas está na opção por expansão de duas por elaboração e duas por intensificação. As vozes adicionadas por esse expediente retratam fatos ocorridos.

Por fim, a análise confirmou a hipótese levantada de que as vozes externas realizadas por meio das relações lógico-semânticas de projeção de locução, por intermédio do eixo tático hipotático e paratático, seriam de maior incidência. Proporcionou-nos também conhecer outras estruturas léxico-gramaticais, como a expansão de orações, que promove o acréscimo de voz externa, atingindo, dessa forma, o propósito principal.

Certamente, uma análise em *corpora* que pertençam à “família” dos gêneros jornalísticos de argumentação e de persuasão será fundamental para examinar se os resultados obtidos aqui são recorrentes (ou não) em textos inseridos em outros contextos. Essa observação viabilizará uma investigação mais ampla, objeto de outros estudos futuros, uma vez que o potencial de significado dos dados em uma língua propicia novas perspectivas de investigação.

## Referências

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2018.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

Cidadania 23 “C” 2021. Disponível em: <https://cidadania23.org.br/tag/jornais/> Acesso em 5 de nov. de 2021

CABRAL, Sara Regina Sotta *et al* (Org.) *Lista de termos da linguística sistêmico-funcional em português brasileiro: léxico-gramática*. Em *Organon*. Porto Alegre, RS. Vol. 36, n. 71 (jan./jun. 2021), p. 483-495.

EGGINS, Susan *An introduction to systemic functional linguistic*. 2 nd. ed., Londres: Continuum, 2004.

FUZER, Cristiane; CABRAL, Sara Regina Sotta. *Introdução à Gramática Sistêmico-Funcional em Língua Portuguesa*. Campinas: Mercado de Letras, 2014.

GARCIA, Othon Moacir. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2007.

HALLIDAY, Michael A. K.; *An Introduction to Functional Grammar*. 2nd ed. London: Arnold, 1994.

- HALLIDAY, Michael A. K.; MATTHIESSEN, Christian M. I. M. *Halliday's Introduction to Functional Grammar*. 4th. ed. London and New York: Routledge, 2014.
- HE, Qingshun. *A corpus-based approach to clause combining in English from the Systemic Functional Perspective*. Singapore: Springer, 2019.
- LIMA, Rocha, *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio Ed., 2011.
- LONGACRE, Robert E. The discourse strategy of an appeals letter. In: MANN, T.; THOMPSON, S. (Eds.). *Discourse description: diverse linguistic analysis of a fund-raising text*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1992.
- MARTIN, James R; *English text: System and structure*. Amsterdam: J. B. Publishing Company, 1992.
- NEVES, Maria Helena de M. *Gramática de usos do Português*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- NEVES; Maria Helena de M. O texto na teoria funcionalista da linguagem. In: BATISTA; Ronaldo de O (org.) *O texto e seus contextos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2016, p. 93-102.
- SOARES, Neiva Maria M. *Gêneros textuais em foco*. Curitiba: Appris Editora e Livraria Eireli-ME, 2016.
- SILVA, Hércules S. *Orações complexas, um potencial de significado para a concretização de vozes discursivas em editoriais: uma abordagem sistêmico-funcional*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa), Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

*Recebido em 25 de abril de 2022  
Aceito em 11 de setembro de 2022*